

Com o que sonha Cassandra?

Há no filme *O sonho de Cassandra*, de Woody Allen (EUA, 2007) um diálogo entre os irmãos Terry e Ian no qual, após terem cometido o crime encomendado pelo tio materno de ambos, um diz ao outro: “Pensávamos que não tínhamos alternativa, mas tínhamos”¹.

Talvez resida nesse ponto o cerne e o equívoco da questão: alternativa não é escolha. Alternativa é sempre entre uma coisa e outra, visando a melhor opção; ou seja, encontra-se referida a um (ao) bem. Isto ou aquilo? Como saber qual é a melhor alternativa? – dúvida hamletiana que se não paralisa o sujeito, empurra-o na direção de uma solução de compromisso regida pelo princípio de prazer, assim como pelo ideal de bem. Já escolha é decisão, precipitar-se em uma antecipação cujo efeito se constitui, *a posteriori*, como causa – trata-se, portanto, de ato.

Impossível não evocar a posição da heroína trágica Antígona em sua referência às leis divinas e não escritas que zelam pelo *genos*, a linhagem; portanto, pelo laço que a une ao cadáver do irmão a quem presta as honras fúnebres, em contraponto ao conluio estabelecido entre os irmãos ingleses e o tio que “fez a América”. Este se efetiva em nome de uma suposta lealdade familiar (“*Family is family, blood is blood*”, diz Howard aos sobrinhos) e, uma vez celebrado, coloca os protagonistas do filme à margem da lei. É o império do serviço dos bens ferozmente defendido por este novo Creonte - no dizer de Lacan, o representante *avant la lettre* de uma razão prática que se declina, nos tempos que correm, por meio de um pragmatismo acéfalo e amoral.

A princesa tebana encarna “(...) o ponto de vista que define o desejo”²; não toda representada pela linhagem amaldiçoada dos Labdácidas que a constitui é na mais radical e absoluta solidão que toma em mãos o dever de não permitir que o corpo do irmão jazesse insepulto. Seu ato é em pura perda e não visa nenhum ganho, nenhum bem, e se ela desafia a lei da *polis* brandida por Creonte é apenas porque não pode fazer de outro modo. O desejo é, assim, um constrangimento assumido em nome próprio.

Já os irmãos do filme, estes Etéocles e Policines contemporâneos, visam seu próprio bem – em um caso, saldar uma vultosa dívida contraída na mesa de jogo; no outro, conquistar uma posição social de destaque e, conseqüentemente, a mulher idealizada. O serviço dos bens

¹ No original, o termo utilizado é *choice*, alternativa, e também escolha.

² LACAN, J. *O seminário livro 7: A ética da psicanálise* (Quinet, A., trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988a[1959-1960], p.300.

os levará, consumado o crime que cometem apenas para encobrir as falcatruas do tio Howard a fim de gozar dos benefícios de sua fortuna, ao tormento pela culpa no caso do primeiro, e a sustentar o crime em uma série infundável, no caso do segundo.

O impasse intrínseco à mentira é que esta exige, para ser mantida, uma nova mentira, sucessiva e indefinidamente. Assim é em relação ao crime praticado pelos irmãos Ian e Terry: diante da resolução desesperada de um deles em se entregar à polícia ao outro restará a ‘alternativa’ de matá-lo, de modo a garantir que o primeiro crime permaneça impune e a vida possa seguir a trajetória de sucessos planejada. Um crime para justificar um crime, em uma espécie de lei de talião às avessas. Conforme alertou Sigmund Freud, há um preço a pagar pela concessão à covardia (moral): “Não se pode dizer aonde se chega por esse caminho; primeiro cedemos nas palavras, e depois, pouco a pouco também na própria coisa.”¹

Com o que sonha *Cassandra*? - aquela que proferia terríveis vaticínios votados ao descrédito. Este barco à deriva não sonha com a realização do desejo – inconsciente e sexual -, mas com a promessa de felicidade articulada pelo serviço dos bens, desconhecendo que esta é justamente sua perdição. Afinal, somos feitos do mesmo barro de que são feitos os sonhos, disse o bardo de Stratford-upon-Avon.

Woody Allen convida a uma reflexão em que a questão ética é revirada pelo avesso; se este *Cassandra's dream* não tem a força do magistral *Match point* (2005) – cujas temática e estrutura narrativa o filme retoma - ao menos parece indicar que o sonho da razão não cessa de produzir monstros: culpa e gozo, crime e castigo.

¹ FREUD, S. Psicologia das massas e análise do eu. In *O mal-estar na cultura e outros escritos. Obras incompletas de Sigmund Freud* (Moraes, M. R. S., trad.). Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2020[1921], p.164.